

A SUPEREXPLORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO ENQUANTO CATEGORIA ESPECÍFICA DA ACUMULAÇÃO E APROPRIAÇÃO DE RIQUEZA NOS PAÍSES DEPENDENTES

Camilla dos Santos Nogueira¹

RESUMO

O que será apresentado neste trabalho é em que medida o desenvolvimento teórico da categoria superexploração, desenvolvido ao longo das obras de Ruy Mauro Marini, aparece como fenômeno específico do capitalismo dependente e quais serão as dimensões dessa mesma categoria que podem aparecer como expressão da exploração da força de trabalho nos países do capitalismo central. Buscar-se-ão, dessa forma, nos meandros da construção teórica da superexploração, as distinções necessárias para o entendimento rigoroso do que essa categoria oferece para a interpretação de realidades concretas tão diversas. Devido à atual conjuntura internacional de crise econômica e tendência decrescente da taxa de lucro, a superexploração parece fenomenicamente estar disseminada em todo o mundo. Torna-se necessário entender quais as especificidades contempladas pela categoria superexploração.

Palavras-chaves: superexploração da força de trabalho; teoria marxista da dependência; crítica da economia política.

ABSTRACT

In this paper will be presented the extent to which the theoretical development of the superexploitation of labor power category, developed over the works of Ruy Mauro Marini, appears as a specific phenomenon of dependent capitalism and what are the dimensions of that same category that can appear as an expression of the exploration of labor force in the countries of central capitalism. In this way, the distinctions necessary for the rigorous understanding of what this category offers for the interpretation of such diverse concrete realities will be sought in the intricacies of the theoretical construction of

¹ Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestre em Estudos Latino-americanos pela Universidad Nacional de San Martín/Argentina. Doutora em Política Social na Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenadora do projeto de pesquisa "Desenvolvimento regional e alternativas de sustentabilidade econômica para comunidades tradicionais pesqueiras e marisqueiras atingidas pelo desastre da barragem do Fundão/MG: o caso da produção de aroeira na zona costeira de São Mateus-ES" Edital FAPES/CNPq N° 11/2019 - Programa de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Regional – PDCTR. E-mail: camilladossantosnogueira@gmail.com

superexploitation. Due to the current international conjuncture of economic crisis and downward trend in the rate of profit, superexploitation appears phenomenally to be widespread throughout the world. It becomes necessary to understand the specificities contemplated by the superexploitation category.

Keywords: Marxist Dependency Theory. Superexploitation of labor power. Critique of Political Economy

1. INTRODUÇÃO

Marx utilizou o método histórico dialético para explicar as mudanças importantes ocorridas na história da humanidade através dos tempos. Ao estudar determinado fato histórico, o autor procurou suas contradições, buscando encontrar os elementos responsáveis pela transformação num novo fato, dando continuidade ao processo histórico.

Assim sendo, Marx afirma que o modo pelo qual a produção material de uma sociedade é realizada constitui o fator determinante da organização política, sem negar que a política também reverberará sobre o econômico. O autor considera que essa realidade não é estática, mas dialética, pois está em transformação pelas contradições de suas unidades. Dessa forma, Marx considera que a totalidade está constituída pela dinâmica de inúmeras unidades dialéticas.

De acordo com Mao Tsé-Tung (1975), a dialética materialista não pode, de fato, ser definida como um método de experimentação científico, mas sim passível de ser conceituada como uma lógica científica, fundamentada na generalização das leis de funcionamento do universo. Igualmente, a lógica subjacente à dialética materialista compreende a diversidade qualitativa dos fenômenos, bem como a transformação de uma qualidade em outra.

O materialismo dialético, portanto, enquanto lógica científica, se fundamenta nos princípios gerais da unidade dinâmica, que é composta por vetores contrários e sempre presentes em todos os fenômenos. É, assim, um método fundamentado principalmente na identificação dos componentes contraditórios presentes em qualquer unidade dialética.

Nesse sentido, partindo do entendimento das unidades dialéticas, existentes na reprodução do capital em economias dependentes, buscar-se-á fazer a construção da categoria superexploração da força de trabalho na elaboração teórica de Ruy Mauro Marini. A superexploração da força de trabalho é uma unidade dialética e faz parte do movimento do capital em economias dependentes.

As relações existentes entre a superexploração da força de trabalho e as unidades dialéticas, transferência de mais-valor e ruptura do ciclo do capital são específicas da reprodução do capital em economias dependentes e ocorrem em um movimento de tendência. A totalidade da reprodução dessas relações constitui a dialética da dependência (MARINI, 2005[1973]). Vejamos detalhadamente como estas relações se manifestam na realidade concreta e imediata.

2. A SUPEREXPLORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO NA OBRA DE RUY MAURO MARINI

2.1 Transferência de mais-valor e superexploração da força de trabalho

A independência política dos países latino-americanos, no início do século XIX, foi o determinante histórico da dependência, na medida em que possibilitou a formação da relação direta entre as novas repúblicas² e o mercado mundial³. Os países latino-americanos, ao iniciarem a formação dos Estados independentes, rompem com o domínio ibero-lusitano e iniciam, nos marcos da divisão internacional do trabalho, uma relação de dependência e subordinação agora sob o jugo do capital britânico. Segundo Marini (2005[1973]), será o rearranjo das relações econômicas internacionais que permitirá o dinamismo da Revolução Industrial na Europa.

Durante a primeira fase da Revolução Industrial na Europa, além de servir como fornecedora de matérias-primas para a produção de produtos manufaturados que crescia juntamente ao fervor da produção industrial, impulsionada pelo aumento da produtividade do trabalho, a América Latina cumpria a função de fornecedora de bens alimentícios⁴ à classe

² Para conhecimento do processo de formação das novas repúblicas na América Latina ver: WASSERMAN, Claudia. “A formação do Estado Nacional na América Latina: as emancipações políticas e o intrincado ordenamento dos novos países”. In: WASSERMAN, Claudia (coord.). Historia da América Latina: Cinco Séculos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.p. 176-213.

³ Marini foca na problemática política, da formalização do Estado, sem perder de vista que a América Latina estava inserida no sistema mundial desde o século XVI, pois as colônias foram fundamentais na Acumulação Primitiva. Para Luce (2018, p. 88), “O que Marini está dizendo é que a produção capitalista na América Latina teve origem a partir da extensão da circulação do capitalismo dominante, em um processo em que o externo internalizou-se para logo se exteriorizar, isto é, desdobrar-se em novas tendências objetivas”.

⁴ Sobre a diversificação da produção agrícola na América Latina que era exportada para os países centrais, Bulmer-Thomas (2010, p.80, tradução nossa) afirma que: “No restante da América Latina as novas exportações foram dominadas por produtos agrícolas. Algumas como a borracha (Brasil, Peru) e a lã (Argentina, Uruguai), eram indispensáveis para as fábricas da Europa e Estados Unidos. Outras, como o henequen do México, que se expandiram em resposta às novas tecnologias usadas nas pradarias da América do Norte. Muitas, como os cereais e a carne, eram necessárias para satisfazer as necessidades alimentícias da Revolução Industrial. O aumento da renda na Europa e América do Norte criou também uma demanda de produtos “suntuários” tropicais, como o café, o cacau e a banana; aumentou da mesma forma a demanda de produtos da selva tropical, como a quinina, o extrato de quebracho e o bálsamo peruano, necessários para fins medicinais ou como matérias primas industriais”.

trabalhadora industrial inglesa. Assim, as nações latino-americanas cumpriram um papel relevante para a produção industrial, que se organizava a pleno vigor na Europa.

Marini (2005 [1973]) ressalta que o resultado da integração da América Latina ao mercado mundial, especializando-se no fornecimento de matérias-primas e alimentos, contribuiu para que a Europa, em especial a Inglaterra, mudasse o eixo de acumulação de capital, passando do mais-valor absoluto para o mais-valor relativo⁵. O mais-valor relativo tem vínculo direto com a desvalorização dos bens salários e a participação da América Latina no mercado mundial contribuiu para a produção dessa forma de valorização do capital, por meio da produção de alimentos, para a redução do valor real da força de trabalho nos países industrializados.⁶ Dessa forma, o eixo da acumulação na Europa passa a depender do aumento da produtividade do trabalho e da redução do trabalho necessário.

A produtividade do trabalho na produção industrial exige o aumento do consumo de matérias-primas, que incorre, com o tempo, em um processo contraditório. A contradição ocorre porque o aumento da produtividade quando acompanhada pelo crescimento da mais-valia relativa implica em diminuição do capital variável em relação ao capital constante. O aumento da composição orgânica do capital, devido ao aumento do capital constante, tudo o mais constante, resulta em queda da taxa de lucro.

Diante das contradições da acumulação de capital existentes no seio do capitalismo central, as soluções encontradas por estes capitais para contra-arrestar a queda da taxa de lucro⁷ pode ocorrer através da indução da redução do capital constante e no aumento da oferta mundial de matérias-primas para as indústrias. Nesse sentido, busca-se auferir lucros, por meio do diferencial de composição orgânica do capital da oferta mundial de alimentos. Portanto, o mercado mundial será o lócus para contra-arrestar os efeitos contraditórios da acumulação de capital⁸.

⁵ Em Luce (2018, p. 90), consta uma excelente descrição dos tipos de mercadorias que predominavam na pauta de exportação das economias latino-americanas entre 1850 e a primeira década do século XX. O autor demonstra o peso dos produtos alimentícios nestas economias, demonstrando a forma como foram incorporadas ao mercado mundial, como fornecedora de alimentos para os países centrais.

⁶ Para Marini, a América Latina contribuiu para a redução do valor real da força de trabalho nos países industrializados: “A oferta mundial de alimentos que a América Latina contribuiu para criar, e que alcançou seu auge na segunda metade do século 19, será um elemento decisivo para que os países industriais confiem ao comércio exterior a atenção de suas necessidades de meios de subsistência. O efeito dessa oferta (ampliado pela depressão de preços dos produtos primários no mercado mundial, tema a que voltaremos adiante) será o de reduzir o valor real da força de trabalho nos países industriais, permitindo assim que o incremento da produtividade se traduza ali em taxas de mais-valia cada vez mais elevadas” (MARINI, 2005[1973], p. 147).

⁷ Há muitos autores que atualmente destacam o comportamento da taxa de lucro como fundamental. Para conhecimento ver: SALAMA, Pierre. “Estado e Capital. O Estado capitalista como abstração real”. Estudos CEBRAP n° 26. São Paulo, 1980.

⁸ Marx apresenta cinco fatores que ele considera como os mais importantes para contra-arrestar a queda da taxa de lucro, quais sejam: aumentar o grau de exploração do trabalho, a compressão salarial abaixo do seu valor,

Novamente, nos marcos da divisão internacional do trabalho, os países dependentes contribuem para mitigar as contradições próprias da acumulação de capital, à medida que aumentam a oferta no mercado mundial de produtos com baixa composição orgânica. No caso da América Latina, a região não apenas alimentou a expansão quantitativa da produção capitalista industrial, como ajudou para que se sejam superadas as contradições que surgiram no próprio processo de acumulação capitalista.

Outro aspecto relevante destacado por Marini é que o aumento da oferta de alimentos é acompanhado pelo declínio dos preços destes produtos em relação ao preço das manufaturas. Os preços das manufaturas em geral são mais estáveis, portanto a queda dos preços dos produtos primários reflete na depreciação dos bens primários em relação aos bens manufaturados.

Todas essas perdas econômicas decorrentes do papel ocupado pelos países dependentes na divisão internacional do trabalho são expressões da forma como esses países transferem valores produzidos em seus territórios, para os países centrais.

A formulação teórica de Marini (2005 [1973]) propõe contrapor a interpretação cepalina da deterioração dos termos de troca⁹, oferecendo uma análise a partir da transferência de mais-valor. O autor dedicou-se ao estudo da transferência de mais-valor via troca desigual, para explicar a raiz do processo de dependência. Partindo do esquema marxiano, Marini explica como se formula o “segredo da troca desigual”, que é o resultado da forma de inserção dos países dependentes no mercado mundial. Assim, Marini expõe os mecanismos de transferência de mais-valor, garantidos pela diferença de produtividades entre os países operantes no mercado mundial, e a capacidade de monopólio da produção que favorece a atuação de alguns desses países no jogo nas trocas internacionais.

Para Marini, na concorrência intrasetorial, ocorre a aplicação específica das leis de intercâmbio. Por ter maior produtividade do trabalho, uma nação pode possuir preços de produção inferiores aos seus concorrentes, e com isso se favorecer com os lucros extraordinários. Essa forma de concorrência acontecerá com maior frequência entre nações industriais, devido ao avanço das leis capitalistas de troca. Na concorrência intersetorial, sucede pelo fato de alguns países produzirem bens que os outros não produzem, o que lhes permite fixar preços acima, configurando um intercâmbio desigual, por meio do monopólio da produção e da transferência de mais-valor.

ou redução dos elementos do capital constante, o excedente relativo, além da expansão comércio exterior, desfavorável para as colônias (MARX, 2015).

⁹ Os teóricos cepalinos restringem suas análises à dimensão dos preços, e aos efeitos deletérios da circulação de mercadorias com baixa incorporação tecnológica.

As empresas de baixa composição orgânica e baixa produtividade, própria de empresas de países periféricos, além de não conseguirem criar uma demanda interna para realizar a venda de seus produtos, têm os preços depreciados e desvalorizados, em decorrência do processo de concorrência intrasetorial e intersetorial. Por conseguinte, a deterioração dos termos de troca indica outro aspecto das trocas desiguais, à medida que se trocam mais horas de trabalho por menos horas de trabalho, o que, para Marini (2005 [1973], p. 149), “Trata-se do fato suficientemente conhecido de que o aumento da oferta mundial de alimentos e matérias-primas tem sido acompanhado da queda dos preços desses produtos, relativamente aos preços alcançados pelas manufaturas”.

A concorrência intrasetorial reduzirá a massa de mais-valia absoluta dos setores de bens-salários, gerada em função de ampliações na produtividade e na concorrência intersetorial para esse setor específico de produção. Portanto, para o setor de bens-salários, existem aspectos das concorrências intrasetorial e intersetorial que determinam que seus preços sejam fixados abaixo do valor de suas mercadorias, sendo decisivos para entender a maneira como os países periféricos estão inseridos no comércio internacional.

Essa forma específica que o capitalismo assume na periferia, uma espécie de “capitalismo incompleto”, que Marini denomina *sui generis* (2005 [1973], p. 138), ocorre porque parte do excedente gerado nesses países é enviada para o centro, devido à troca desigual¹⁰, e na forma de lucros, juros, patentes, *royalties*, não sendo, portanto, realizada internamente.

Portanto, a recorrente transferência de mais-valor, na qual o mais-valor produzido nos países dependentes é apropriado e acumulado no centro, realizada de diversas formas, impede a acumulação interna de capital nesses países¹¹.

Desvendar a transferência de mais-valor como *modus operandis* do mercado mundial conduz Marini a questionar-se sobre quais são as motivações que induzem a inserção e permanência dos países dependentes nesse jogo das trocas internacionais, que, em geral, operam em desfavor deles. Somente quando chega à identificação do mecanismo de compensação dessa lógica de transferência de mais-valor é que Marini oferece o que

¹⁰ Marini afirma que não é necessária a existência do intercâmbio desigual para que os mecanismos de extração de mais-valia operem. A simples vinculação ao mercado mundial já desencadeia a busca incessante por lucros, e pela transformação de valor de uso em valor de troca. Isso explica porque, em alguns momentos históricos em que o intercâmbio desigual não acontece, os mecanismos de extração de mais-valia continuam existindo.

¹¹ Outras interpretações marxistas sobre a deterioração dos termos de troca e as trocas desiguais foram formuladas, muitas vezes, em paralelo, ou em sequência. Esses esforços representaram contribuições críticas ao paradigma político e ao tipo de desenvolvimento nacional que foi proposto nos anos 1960 e 1970.

consideramos ser uma de suas grandes contribuições teóricas: a categoria superexploração da força de trabalho.

Para Marini, a transferência de mais-valor será acompanhada por mecanismos de compensação que implicam em agudizar a exploração da força de trabalho. Nas palavras do autor, “Trata-se do recurso ao incremento de valor trocado, por parte da nação desfavorecida: sem impedir a transferência operada pelos mecanismos já descritos, isso permite neutralizá-la total ou parcialmente mediante o aumento do valor realizado” (MARINI, 2005 [1973], p. 152). A partir dessa constatação, revela-se o ponto crucial da relação existente entre as unidades dialéticas, transferência de valor e superexploração da força de trabalho, como forma de reprodução do capital nas economias dependentes. Essa relação ocorre de forma contraditória e complementar.

As nações desfavorecidas pela transferência de mais-valor, expressa no intercâmbio desigual de mercadorias, não corrigem o desequilíbrio entre os preços e o valor de suas mercadorias – entre os preços de mercado e o valor real da produção –, o que deveria ser feito por meio do aumento da produtividade. Assim sendo, as economias latino-americanas não buscam contra-arrestar os efeitos negativos do intercâmbio desigual, mas sim compensá-los no plano da produção interna.

Os países dependentes resolvem as perdas nas trocas estabelecidas no mercado mundial, não no próprio mercado, senão através da superexploração da força de trabalho. Nesse sentido, a reprodução do capital nas economias dependentes se concentra prioritariamente na exploração do trabalho, e não no desenvolvimento de sua capacidade produtiva.

Para nós, será a partir da relação existente entre as unidades dialéticas, transferência de mais-valor e superexploração da força de trabalho que a categoria superexploração da força de trabalho desvela-se como característica específica dos países dependentes.

Entretanto, o desvelamento das contradições da categoria superexploração da força de trabalho somente pode ser entendido no nível de análise concreta das relações do mercado mundial, portanto nas trocas de bens, serviços e capitais e na forma como a reprodução da força de trabalho ocorre nos países que participam em posição desvantajosa neste mercado.

2.2 A superexploração da força de trabalho e a ruptura do ciclo do capital

Ao analisar o ciclo do capital na economia dependente, Marini (2005[1973]) aponta para a importância da separação existente entre a produção e a circulação de mercadorias. O

avanço da análise sobre o ciclo de reprodução e circulação do capital nas economias dependentes irá compor a noção de padrão de reprodução do capital¹² (MARINI, 1979 b; 1982). Trata-se da combinação entre os ciclos de reprodução do capital¹³ e os esquemas de reprodução do Livro II d'*O Capital*, relacionando o processo de valorização do capital e os valores de uso específicos, expressados em meios de produção e meios de consumo. Portanto, estabelece-se vínculo entre o valor e o valor de uso, fundamental na análise marxista, para o entendimento das especificidades da reprodução do capital em economias dependentes.

Para Marini, nos países dependentes a realização da produção ocorre no mercado externo, sendo que o consumo do trabalhador não interfere na realização do produto¹⁴. Não pode se perder de vista que as economias estão constituídas por capitais nacionais e estrangeiros. Dessa forma, as características das economias nacionais são determinadas por limitações de ordem interna, conjugadas às determinações do capital internacional. Assim, pode haver ruptura em capitais particulares, mas a forma geral do capital se mantém constantemente reproduzindo.

Nas economias dependentes, a estratificação do mercado interno, juntamente com a realização da produção no mercado externo, será também motivo para que ocorra a ruptura do ciclo do capital, na segunda fase da circulação do capital. A conformação do mercado interno em estratos se revela pela separação entre esfera alta e esfera baixa da circulação¹⁵.

Para Marini (2005[1973]), a causa da interrupção do ciclo do capital será o aumento da superexploração da força de trabalho, tendo em vista que a redução do fundo de consumo do trabalhador, que compõe a esfera baixa da circulação, impossibilita a participação desse estrato do mercado interno, na realização das mercadorias¹⁶. Considerando que o mercado

¹² Jaime Osorio, no texto “La noción de reproducción del capital” (2016), avança na fundamentação teórica iniciada por Marini. Este texto é um excelente guia para o aprofundamento desta categoria.

¹³ O ciclo de valorização do capital é o processo de valorização do capital, que passa pelas esferas da produção e da circulação, e que se repete e se reproduz constantemente, em um movimento de metamorfose. Nesse ciclo, o capital passará por fases e assumirá formas, e será a unidade do ciclo o que caracteriza a produção capitalista.

¹⁴ Luce (2018) afirma que, no caso das economias latino-americanas, a ruptura do ciclo do capital, por ele denominada cisão do ciclo do capital, aconteceu em dois momentos históricos diferentes. Uma que concentrou no período primário-exportador e outra que se inicia com o processo de industrialização. O autor apresenta as formas em que a cisão do capital acontece que são: cisão entre esferas do mercado externo e do mercado interno, cisão entre esfera alta e baixa do consumo, não generalização da mais-valia relativa para o conjunto dos ramos e setores da produção, fixação da mais-valia extraordinária no subsector IIB, produtor de bens suntuários; integração subordinada dos sistemas de produção e industrialização que não é orgânica (LUCE, 2018, p.133). Para conhecer como o autor desenvolve o tema, ver o capítulo 2 “A cisão nas fases do ciclo do capital (ou divórcio entre a estrutura produtiva e as necessidades das massas)” (LUCE, 2018).

¹⁵ Marini (2005 [1973], p.171) esclarece que: “[...] já não é a dissociação entre a produção e a circulação de mercadorias em função do mercado mundial o que opera, mas a separação entre a esfera alta e a esfera baixa da circulação no interior mesmo da economia, separação que, ao não ser contraposta pelos fatores que atuam na economia capitalista clássica, adquire um caráter muito mais radical”.

¹⁶ Para Marini (2005 [1973], p.172-173) “[...] adaptações na economia industrial dependente [...] mudança qualitativa na base da acumulação de capital, permitindo ao consumo individual do operário modificar sua

externo é o lócus da circulação de mercadorias e da realização delas, a condição de superexploração da força de trabalho e a restrição de consumo do trabalhador não são um obstáculo para acumulação de capital nas economias dependentes.

A relação entre interrupção do ciclo do capital e o aumento da superexploração da força de trabalho se expressa nas seguintes condições de acumulação do capital¹⁷:

- a) os valores das manufaturas não determinam o valor da força de trabalho, porque não é um elemento essencial do consumo individual do trabalhador;
- b) a desvalorização das manufaturas não influencia a taxa de mais-valor;
- c) o industrial não se preocupa com o aumento da produtividade, para reduzir o valor do produto e, conseqüentemente, reduzir o valor da força de trabalho;
- d) o industrial busca aumentar a mais-valor através da maior exploração do trabalhador.

Na obra *Subdesenvolvimento e revolução* (2012[1967]), Marini relaciona a política subimperialista, empreendida pelo Estado brasileiro durante o período da ditadura militar, com as restrições existentes no mercado interno do país. Aparentemente, o que o autor está afirmando é que o mercado interno restrito pela superexploração da força de trabalho será um entrave, um elemento contraditório que limita a realização de valores nas economias dependentes e que a impulsiona em busca de mercados externos, como forma de compensar essa limitação.

Essa relação, ainda que seja pertinente, não é o ponto central da formulação teórica de Marini. Nesse sentido, reduzir a análise do subimperialismo às limitações do mercado interno seria reduzir este fenômeno à lógica da circulação¹⁸, perdendo de vista os determinantes imprescindíveis da produção, dados pela superexploração da força de trabalho, além da dimensão das decisões geopolíticas.

composição e incluir bens manufaturados. Se agisse sozinho, levaria ao deslocamento do eixo da acumulação, da exploração do trabalhador para o aumento da capacidade produtiva do trabalho. Entretanto, é parcialmente neutralizado pela ampliação do consumo dos setores médios: este supõe, de fato, o incremento das rendas que recebem ditos setores, rendas que, como sabemos, são derivadas da mais-valia e, em consequência, da compressão do nível salarial dos trabalhadores”.

¹⁷ Segundo Marini (2005 [1973b], p. 184): “Haveria de se considerar, ademais, que a ênfase nos problemas de realização somente seria censurável caso se fizesse em detrimento do que cabe às condições em que se realiza a produção e não contribuísse para explicá-las. Portanto, ao constatar o divórcio que se verifica entre produção e circulação na economia dependente (e sublinhar as formas particulares que assume esse divórcio nas distintas fases de seu desenvolvimento) se insistiu: a) No fato de que esse divórcio se gera a partir das condições peculiares que adquirem a exploração do trabalho em dita economia – as que denominei superexploração; e b) Na maneira como essa condições fazem brotar, permanentemente, desde o seio mesmo da produção, os fatores que agravam o divórcio e o levam, ao se configurar a economia industrial a desembocar em graves problemas de realização”.

¹⁸ Esse ponto é fundamental na obra de Marini, e centro da crítica de Fernando Henrique Cardoso e José Serra (1978).

Para nós, a explicitação da relação existente entre as unidades dialéticas, ruptura do ciclo do capital e a superexploração da força de trabalho oferece também à categoria superexploração dimensões específicas às realidades de economias dependentes, por meio de um movimento de tendência. Essa particularidade, em geral, não se revela em países centrais, nos quais o consumo individual dos trabalhadores é imprescindível no ciclo de produção e reprodução do capital.

No caso do Brasil, é preciso analisar qual o peso do mercado interno no PIB nacional e como ocorre a distribuição do consumo entre a esfera baixa e alta. Faz-se necessário um estudo que indique determinações que influenciam a relação existente entre as unidades dialéticas superexploração da força de trabalho e ruptura do ciclo do capital.

2.3 Superexploração da força de trabalho enquanto mecanismo de remuneração abaixo do valor necessário para a reprodução da força de trabalho

A superexploração da força de trabalho constitui na remuneração da força de trabalho em um preço abaixo do valor necessário para a sua reprodução média. Essa será a forma como o capital se reproduz nos países dependentes, compensando as perdas de mais-valor que ocorrem nas transferências.

Para Marini (2005[1973]), existe um conjunto de mecanismos que, por meio da superexploração, são negados ao trabalhador as condições mínimas para repor o desgaste de sua força de trabalho, quais sejam: expropriação de parte do trabalho necessário do trabalhador, para repor sua força de trabalho; prolongação da jornada de trabalho; e intensificação do trabalho¹⁹.

Os mecanismos de superexploração da força de trabalho são descritos por Marini (2005[1973]) de forma conjunta, e não como formas separadas de extração de mais-valor. O aumento da intensidade e a prolongação da jornada de trabalho indicam que a superexploração ocorre de maneira indireta, implicando em maior dispêndio da força de trabalho, levando ao esgotamento prematuro do trabalhador. O aumento do desgaste da força de trabalho implicará no crescimento do mais-valor necessário para o trabalhador repor sua força de trabalho. Na medida em que o trabalhador necessita de mais bens para garantir a

¹⁹ Osorio (2012, p. 59) considera a organização da produção também um mecanismo de superexploração da força de trabalho “[...] porque desvela diversos procedimentos para produzir e incrementar a mais-valia, assim como para a organização laboral”. Já Amaral e Carcanholo incluem a ampliação do valor da força de trabalho sem que seja pago o montante necessário para tal, também como forma de superexplorar a força de trabalho. Segundo os autores a relação entre a ampliação do valor a superexploração da força de trabalho “[...] está relacionada à ideia de que a determinação do valor da força de trabalho é histórico-social e, com o avanço das forças produtivas e, portanto, das necessidades humanas, esse valor sobe e, se não é pago integralmente, temos uma nova forma de superexploração do trabalho” (2012, p. 100).

reprodução de sua força de trabalho, e o salário não acompanhar o valor acrescido, o trabalhador está sendo superexplorado.

A superexploração ocorrerá de maneira direta, quando o fundo de consumo do trabalhador é apropriado pelo capitalista e torna-se parte do fundo de acumulação dele. Com a redução do fundo de consumo, o trabalhador não alcança consumir nem o indispensável para conservar sua força de trabalho.

Para Marini (2005 [1973]), a contradição da dependência latino-americana ocorre porque a região é chamada a “coadjuvar” na acumulação do capital, mas o faz mediante uma acumulação fundada na superexploração da força de trabalho. Dessa forma, Marini esclarece como o trabalhador será remunerado abaixo de seu valor, incorrendo em superexploração da força de trabalho.

Como explicado anteriormente, os países periféricos, nos quais o setor produtor de bens-salários é predominante, compensarão a perda do mais-valor por meio da superexploração da força de trabalho. Sem embargo, faz-se necessário apreender algumas distinções relevantes.

Marx (2015), quando formula a categoria mais-valor, destaca que o trabalho é o processo de consumir o valor de uso da força de trabalho, enquanto que a força de trabalho é a capacidade de trabalhar. Portanto, o trabalhador vende ao capitalista sua força de trabalho, e não o seu trabalho, mas sim sua capacidade de trabalhar. Essa distinção esclarece a relação da superexploração com a força de trabalho, e não com o trabalho em sentido restrito. Em suas obras, Marini não estabelece essa distinção, não porque o autor desconhecesse a importância, mas talvez devido à opção de simplificar o uso do termo.

É sabido também que esses mecanismos em conjunto, que conformam a superexploração, podem se reproduzir em realidades de economias com alto grau de desenvolvimento. Portanto, não estão restritos às economias dependentes. Alguns estudos como o de Carvalho e Oliveira (2008) apresentam as atuais condições de trabalho na Europa, e indicam aumento da precarização das condições de trabalho²⁰.

A generalização da superexploração e sua extensão aos países centrais, no contexto da crise econômica, são atualmente o centro das controvérsias em torno das categorias da teoria

²⁰ Faz-se necessário um estudo que indique determinações que influenciam o aumento da exploração do trabalho na Europa. Entretanto, este trabalho não avançará nessa pesquisa, devido à falta de condições para fazê-la de forma precisa. Para conhecimento ver: CASTELLS, Robert. “El ascenso de las incertidumbres: trabajo, protecciones, estatuto del individuo”. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010. Ver também: BEYNON, Huw. “A destruição da classe operária inglesa?”. São Paulo, Revista Brasileira de Ciências Sociais v.10 n°.27, fev. 1995.

marxista da dependência. Esta problemática, ao redor da qual giram os debates atuais sobre a superexploração da força de trabalho, questiona as especificidades da superexploração, enquanto categoria que expressa as particularidades de países dependentes²¹.

Para Valencia (2012), a generalização da superexploração da força de trabalho se expressa, em diversos países e regiões, na queda dos salários médios, redução do tempo de trabalho necessário e expansão do trabalho excedente, e se configura em um processo de longo prazo, não representando apenas uma problemática conjuntural. Contudo, o autor faz algumas ressalvas sobre a diferença entre a forma que assume a superexploração nas economias do capitalismo central e nas economias do capitalismo dependente, que se configura no dilema da produção de mais-valor relativo.

Recuperando Marini (2005[1973]), Valencia (2012) destaca que, nos países dependentes, a superexploração será a forma de elevação de valor, diante da não produção de mais-valor relativo. Essa característica da produção de mais-valor deve-se às limitações da capacidade produtiva e da formação do mercado consumidor interno. Isso posto, o autor ressalta que a expropriação do fundo de consumo da força de trabalho, por meio do pagamento dos salários abaixo do valor de reprodução, será, portanto, a característica específica na exploração nos países dependentes.

Nos países centrais, o desenvolvimento das forças produtivas e o consequente aumento da produtividade do trabalho criam outras condições para a produção de mais-valor. Valencia (2012) afirma que, nessas economias, a produção de mais-valor relativo será a expressão da superexploração (VALENCIA, 2012, p. 185)²². Dessa forma, o autor afirma que essa é a essência para o entendimento das distinções da superexploração nos países centrais e nos países dependentes, e propõe que a superexploração pode ser dividida entre “superexploração constitutiva” e “superexploração operativa” (VALENCIA, 2012, p. 165). A primeira é própria do capitalismo dependente a segunda do capitalismo central.

No seio da controvérsia em torno da generalização da superexploração, Carcanholo afirma que há “(im)precisões”(CARCANHOLO, 2017) contidas nos escritos de Marini, que não distingue o que seria “correspondência” e “definição”²³. Essas dificuldades criam

²¹ Alguns dos teóricos que apresentam proposições sobre a generalização da superexploração são: Marini (2007b[1996]), Valencia (2009 [2003];2012[2003];2016), Osorio (2009;2013), Carcanholo (2017).

²² Essa distinção, se não bem entendida, leva-nos à compreensão de que a superexploração nos países dependentes trata-se apenas de produção de mais-valia absoluta, como a crítica de Cardoso e Serra (1978) feita a Marini.

²³ Para Carcanholo (2017, p.109, tradução nossa): “Não se pode dizer que *correspondência* significa *definição*, mas, minimamente, melhor esclarecimento por parte do autor teria sido necessário, e isso não foi feito”.

possibilidades para a ideia de generalização da superexploração e sua extensão aos países centrais.

O autor indica que a “(im)precisão” se revela na obra de Marini, pois o autor não estabelece uma distinção clara entre o que seria sua essência e seus mecanismos. Dessa forma, Carcanholo afirma que falta em Marini a diferença entre superexploração, enquanto categoria, que atua compensando a transferência de mais-valor, e superexploração enquanto mecanismos de elevação da exploração da força de trabalho, por meio da remuneração abaixo do valor.

Para Carcanholo, é necessário analisar a superexploração a partir da distinção entre o que seria sua essência e seus mecanismos, ou formas de manifestação. Somente assim é que se pode problematizar a generalização da superexploração e sua extensão aos países do capitalismo central.

Desse modo, para Carcanholo, a superexploração pode se manifestar nos países centrais, enquanto mecanismo de elevação de mais-valor. Porém, enquanto categoria, que atua compensando a transferência de mais-valor, a superexploração é específica dos países dependentes. Essa especificidade consiste na elevação da exploração sem aumento da produtividade, o que, para o autor, é a forma como ocorre a reprodução do capital em economias dependentes.

Nesse debate, há outros inúmeros posicionamentos e reafirmações²⁴ sobre essa polêmica que demonstra estar na ordem do dia, sendo ainda a grande polêmica da teoria marxista da dependência. Assim, podemos considerá-la como a grande querela atual da dependência.

É de conhecimento que o próprio Marini (2007[1996]) indicou a possibilidade de existência de superexploração da força de trabalho em países do capitalismo central. Ao explicar as implicações do aumento das inovações tecnológicas e do processo globalizatório, Marini afirma que a supressão de barreiras, a difusão tecnológica e a homogeneização dos processos produtivos tendencialmente colaboram para a redução dos preços. Dessa forma, para o autor, a lógica da globalização se centra na busca incessante por lucros extraordinários.

A corrida por lucros extraordinários tem como objetivo a recuperação de ganhos por meio dos diferenciais de produtividade, melhorando as condições de concorrência. Para Marini (2005[1973]), a superexploração, diante da corrida por lucros extraordinários, torna-se ponto crucial para atração de capitais para regiões onde essa forma de geração de mais-valor é predominante: países dependentes.

²⁴ Diversas interpretações já foram elaboradas por autores como Martins (2011), Amaral e Duarte (2013), Massa (2013), Bueno (2016) e Franklin (2015) sobre a polêmica da generalização da superexploração, e sua extensão a países centrais.

Contudo, Marini aponta que a superexploração da força de trabalho também se manifestará nos países centrais, como mecanismos de aumento da produção de mais-valor. Para o autor, com a superexploração da força de trabalho, há crescimento da massa de trabalho não pago, reduzindo custos e ganhando competitividade via preço, num contexto de “nivelamento dos valores” e dificuldades de geração de lucros extraordinários. Assim, Marini afirma que:

De fato, é próprio do capitalismo privilegiar a massa do trabalho não pago, independentemente de seus portadores reais, isto é, os trabalhadores que a proporcionam; sua tendência natural, então, é buscar a maximização dessa massa pelo menor custo que possa representar. Para isso, utiliza tanto do aumento da jornada de trabalho e da intensificação do trabalho quanto, de maneira mais brutal, da redução de salários, sem respeitar o valor real da força de trabalho. Dessa forma, generaliza-se para todo o sistema, incluindo os centros avançados, o que foi uma característica distintiva – embora não exclusiva – da economia dependente: a superexploração generalizada do trabalho. Sua consequência – que foi sua causa – é aumentar a massa de trabalhadores excedentes e piorar seu empobrecimento, no exato momento em que o desenvolvimento das forças produtivas abre perspectivas ilimitadas de bem-estar material e espiritual para os povos (2007b [1996], p. 249, tradução nossa).

Entretanto, faz-se necessário relativizar em que medida a exacerbação da exploração da força de trabalho em economias centrais está restrita à ordem conjuntural, localizada em períodos de crise. À diferença, nos países dependentes, os mecanismos de superexploração se reproduzem de forma continuada, sendo a forma de ser da extração de mais-valor, portanto um fenômeno estrutural.

Para nós, a superexploração, quando analisada por meio de seus mecanismos, pode acontecer em países centrais, dado que a exploração da força trabalho e extração de mais-valor ocorrem no modo de produção capitalista, onde quer que ele exista. Nesse sentido, pode-se inferir que a superexploração enquanto conjunto de mecanismos que induzem o trabalhador a viver abaixo de suas condições mínimas de reprodução pode estender-se às economias centrais, tornando-se a realidade da força de trabalhos nesses territórios.

Porém, as relações existentes entre as unidades dialéticas transferência de mais-valor e superexploração da força de trabalho e ruptura do ciclo do capital e superexploração da força de trabalho são específicas da reprodução do capital em economias dependentes.

A transferência de mais-valor representa a forma como a riqueza produzida nos países dependentes é enviada para o exterior sem contrapartida. No caso da economia brasileira, a remessa de lucros, dividendos e juros, no contexto da mundialização financeira, expressa a transferência de mais-valor e a dependência do país em relação ao movimento de capitais

estrangeiros. A desacumulação da economia brasileira será recuperada via superexploração da força de trabalho em um movimento tendencial.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da controvérsia sobre a generalização da superexploração da força de trabalho e sua extensão aos países centrais, surgiu a necessidade de desvelar aspectos da categoria para evidenciar as contradições que esse debate suscita. Esse esforço de retomada das categorias teóricas desenvolvidas por Ruy Mauro Marini em seus estudos é de grande valia para a recuperação do pensamento marxista latino-americano, por meio dos elementos da teoria do valor e à luz das especificidades das economias dependentes e da reprodução do capital nesses territórios.

Com o desvelamento das contradições da superexploração da força de trabalho, podemos concluir que a categoria pode ser analisada em três dimensões diferentes: a primeira, quando se conecta à transferência de mais-valor, como forma de compensar o envio de riqueza para o exterior; a segunda, quando se relaciona com a ruptura do ciclo do capital, quando a superexploração demonstra a dificuldade de realização do capital no âmbito interno das economias dependentes. Finalmente, a terceira dimensão seria as formas de manifestação da categoria, mediante remuneração da força de trabalho abaixo do seu valor, aumento do mais-valor absoluto e aumento da intensidade do trabalho.

Desse modo, com o recorrido pela categoria superexploração, e partindo da problemática sobre a sua generalização, podemos inferir que: do ponto de vista da relação entre a superexploração e as unidades dialéticas transferência de mais-valor e ruptura do ciclo do capital, a superexploração é específica dos países dependentes, e demonstra a forma de acumulação nesses territórios. Enquanto mecanismo da elevação da exploração, a superexploração pode ser estendida aos países centrais, no contexto das crises econômicas.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Marisa Silva; CARCANHOLO, Marcelo Dias. Superexploração da força de trabalho e transferência de valor: fundamentos da reprodução do capitalismo dependente. In: FERREIRA, Carla; OSORIO, Jaime; LUCE, Mathias (Orgs.). *Padrão de Reprodução do Capital: contribuições da teoria marxista da dependência*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.p. 87-102.v. 1.

AMARAL, Marisa Silva; DUARTE, Pedro Henrique Evangelista. *Para uma crítica à utilização da categoria 'superexploração da força de trabalho' como manifestação da globalização nos países centrais*. In: Colóquio Internacional Marx e o Marxismo (NIEP-

MARX), Niterói, 2013. Disponível em: <<http://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2013/Trabalhos/Amc464.pdf>> Acesso em: 10 maio 2018.

BEYNON, Huw. *A destruição da classe operária inglesa?* Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_27/rbcs27_01.htm>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BUENO, Fábio Marvulle. *A superexploração do trabalho: polêmicas em torno do conceito na obra de Ruy Mauro Marini e a vigência na década de 2000*. 2016. 250 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

BULNER-THOMAS, Victor. *La historia económica de América Latina desde a independencia*. 2ª ed. México: FCE, 2010.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. *Dependencia, Superexplotación del Trabajo y Crisis: una interpretación desde Marx*. Madrid: Maia Ediciones, 2017.

CARDOSO, Fernando Henrique; SERRA, José. As desventuras da dialética da dependência. In: *Estudos Cebrap*, nº 23, São Paulo, Cebrap, 1978.

CARVALHO, Helena; OLIVEIRA, Luísa. A precarização do emprego na Europa. *Dados – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, v. 51, n. 3, p. 541-567, 2008.

CASTELLS, Robert. *El ascenso de las incertidumbres: trabajo, protecciones, estatuto del individuo*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

FRANKLIN, Rodrigo Straessli Pinto. *Teoria da Dependência: categorias para uma análise do mercado mundial*. 2015. 296 f. Tese (Doutorado em Economia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio do Sul, Porto Alegre, 2015.

LUCE, Mathias Seibel. *Teoria Marxista da Dependência: problemas e categorias. Uma visão histórica*. Expressão Popular, São Paulo: 2018.

MAO TSE TUNG. Sobre a contradição. In: *Obras Escolhidas de Mao Tse tung*, 1975. Tomo I, p. 525-586. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/mao/1937/08/contra.htm>. Acesso em: 13 jan. 2019.

MARINI, Ruy Mauro. _____. El ciclo del capital en la economía dependiente. In: ÚRSULA, Oswald (Coord.). *Mercado y dependencia*. México: Nueva Imagen, p. 37-55, 1979b. Disponível em: <<http://www.marini-escritos.unam.mx/>>. Acesso em: 14 out. 2018.

_____. Sobre el patrón de reproducción de capital en Chile. *Cuadernos CIDAMO*. Cidade do México, n. 7, 1982. Disponível em: <<http://www.marini-escritos.unam.mx/>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

_____. Dialética da dependência. In: TRASPADINI, Roberta; STEDILE, João Pedro (Orgs.). *Ruy Mauro Marini. Vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2005, p.137-180.

_____. Sobre a Dialética da Dependência. In: TRASPADINI, Roberta; STEDILE, João Pedro (Orgs.). *Ruy Mauro Marini. Vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2005, p.181-194.

_____. Las razones del neodesarrollismo (respuesta a F.H. Cardoso y J. Serra). In: MARTINS, Carlos Eduardo. *América Latina: dependencia y globalización*. Buenos Aires: CLACSO – Prometeo Libros, 2007, p.149 -209.

_____. Proceso y tendencias de la globalización capitalista. In: MARTINS, Carlos Eduardo. *América Latina: dependencia y globalización*. Buenos Aires: CLACSO – Prometeo Libros, 2007, p.231-252.

_____. *Subdesenvolvimento e revolução*. Florianópolis: Insular/IELA, 2012.

MARTINS, Carlos Eduardo. *Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MASSA, Andrei Chikhani. *Superexploração da força de trabalho, uma categoria em disputa*. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2013.

MARX, Karl. *O Capital*. Livro I. Boitempo editorial, São Paulo, 2015

MARX, Karl. *O Capital*. Livro III. Boitempo editorial, São Paulo, 2017.

OSORIO, Jaime. *Explotación redoblada y actualidad de la revolución*. Cidade do México: Itaca; Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Xochimilco, 2009.

_____. Padrão de reprodução do capital: uma proposta teórica. In: FERREIRA, Carla; OSORIO, Jaime; LUCE, Mathias Seibel (Orgs.). *Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência*. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 37-86.

_____. Fundamentos de la superexplotación. *Razón y Revolución*. Buenos Aires, v. 25, p. 9-34, 1 nov. 2013.

_____. *Teoría Marxista de la Dependencia*. Cidade do México: Itaca; Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Xochimilco, 2016.

SALAMA, Pierre. *Estado e Capital: o Estado capitalista como abstração real*. São Paulo: Estudos CEBRAP, n. 26, 1980.

VALENCIA, Adrián Sotelo. *A reestruturação do mundo do trabalho: superexploração e novos paradigmas da organização do trabalho*. Uberlândia: EDUFU, 2009.

_____. *Los rumbos del trabajo: superexplotación y precariedad social en el Siglo XXI*. Cidade do México: Editorial Miguel Ángel Porra – FCPyS- UNAM, 2012.

_____. Hipótese a respeito da extensão da superexploração do trabalho no capitalismo avançado desde a perspectiva da teoria marxista da dependência. *Cadernos Cemarx*. Campinas, n. 9, p. 34-47, 2016.

WASSERMAN, Claudia. A formação do Estado Nacional na América Latina: as emancipações políticas e o intrincado ordenamento dos novos países. In: _____. (coord.). *Historia da América Latina: Cinco Séculos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 176-213.